

Seja - Presidência Sonhos no Planalto

• Fernando Henrique Cardoso prometeu aos tucanos que, na volta da viagem à Itália, vai conversar mais seriamente com eles sobre sucessão. Há certa ansiedade — ao que parece, partilhada pelo presidente — para se discutir e montar um projeto para 2002. Que, a depender das preferências de FH, passa muito mais por Tasso Jereissati do que por Mário Covas ou qualquer outro nome aliado.

Fernando Henrique ouviu e concordou, em conversa recente: ou começa a agir logo para recuperar o Governo e ter mínimas chances de eleger um sucessor, ou sairá do Planalto mais arrasado do que alguns de seus antecessores da história recente. Para FH, passou a ser uma questão de biografia; para o PSDB, de sobrevivência.

Por isso, o raciocínio é de que pode ser cedo para colocar claramente a sucessão na rua, mas é mais do que hora de traçar os planos para os últimos anos de mandato. Das primeiras conversas, já saiu uma espécie de pré-roteiro. Que trabalha com um cenário de recuperação da economia em que inflação e câmbio estariam estabilizados e o país voltando a crescer.

Nessa situação, que pelas expectativas de Fernando Henrique e tucanos estaria clara lá para meados do próximo ano, o governador Tasso Jereissati seria trazido a Brasília para, num ministério com visibilidade, começar a ser preparado como candidato.

Por que Tasso, e não Covas, hoje o nome mais forte do PSDB? Não são apenas idiosincrasias tucanas. Observadores experientes do partido têm certeza de que, num quadro em que o presidente da República recupere pelo menos parte da popularidade e possa dar as cartas na escolha do candidato governista, o ungido será o governador do Ceará. Até pela lógica de que é um trunfo para fazer frente a Ciro Gomes.

Ninguém tem dúvida, porém, de que, com FH fraco — como está hoje —, o nome é Covas. Mas este seria uma espécie de Plano B.

O Plano A, aquele ao qual se refere Fernando Henrique quando aponta para a própria cadeira e diz ao interlocutor que é preciso discutir quem vai se sentar ali, não trabalha com Covas porque prevê a reedição da aliança com o PFL e o PMDB em 2002.

Os recentes arroubos de independência dos aliados, insistindo em que terão candidatos próprios à Presidência, não impressionaram muito. São, a esta altura, muito mais gestos voltados para o público interno, que precisa ter esse tipo de horizonte às vésperas das eleições municipais.

São também um aviso ao navegante FH. De bobos, pefelistas e peemedebistas não têm nada. Estão percebendo que a movimentação tucana pela sucessão passa por uma reforma ministerial ano que vem. E por programas sociais de impacto que terão como principal beneficiário o PSDB. Temem perder espaço no Governo e advertem que podem bater as asas a qualquer momento. Ameaças que tendem a aumentar.

Mas PFL e PMDB estão sem candidato. Quando fala em Anthony Garotinho, o PMDB está vendendo lote na lua, pois sabe das dificuldades. A começar pelo fato de o governador — se candidato mesmo for — ter de se filiar ao partido um ano antes da eleição, sem qualquer garantia de ter a legenda na convenção. Ou alguém pode prometer alguma coisa em se tratando de PMDB? Vide Itamar Franco.

O governador de Minas é outra carta quase fora do baralho peemedebista. Está encostando o partido na parede com sua proposta de rompimento com o Governo federal para ter bom pretexto para fazer as malas rumo ao PSB. Há desconfiança mútua entre ele e a cúpula peemedebista, dessas que levam os dirigentes do PMDB a supor que sua convivência com um Itamar presidente não duraria nem uma semana.

No campo pefelista, o pragmatismo também deve prevalecer. Antônio Carlos Magalhães já disse que não troca a reeleição certa para o Senado por aventura; Marco Maciel jamais seria candidato à revelia de FH; e Jaime Lerner não está com esse cacife todo.

Na verdade, segundo o Plano A, o que os aliados vão acabar disputando é o segundo posto na aliança. Dizem até que o PMDB já tem no bolso seu candidato a vice: Michel Temer.

Quem viver, verá. Tudo isso, é bom que se repita, faz parte de um roteiro que ainda está no plano da ficção. E que vai depender da capacidade do Governo de conter a inflação e oferecer à população algo capaz de melhorar sua vida até lá. Para FH, o final feliz é eleger o sucessor. Mas tudo indica que, até agora, quem vai votar em 2002 está à procura de um outro *happy end* para esse filme.